

**A ORALITURA COMO MARCA DE IDENTIDADE
EM MIA COUTO: UM EXEMPLO EM “TERRA SONÂMBULA”
E “ESTÓRIAS ABENSONHADAS”**

Francisco do Nascimento Gomes Filho (UNILAB)

francisco_nascimentoce@yahoo.com.br

Alexandre António Timbane (UNILAB)

alextimbana@gmail.com

RESUMO

“Terra sonâmbula” é uma obra literária do escritor moçambicano Mia Couto. Trata-se de um romance em que Couto revela a identidade trazendo referências (estereótipos), o sofrimento, a alegria, a feitiçaria, os ritos tradicionais, a luta, o medo, o sonho e, sobretudo, as marcas da oralidade. Este artigo tem o intuito de analisar a tradição oral na obra “Terra sonâmbula”, de Mia Couto, analisando a tradição de contar histórias praticadas pelos mais velhos para transmitir o conhecimento aos mais jovens, mostrando a importância da oralidade utilizada nas obras africanas em suas atividades típicas; como influenciam na escrita de suas obras. Da pesquisa se conclui que a socialização das dores e dúvidas de um país pós-independência da exploração portuguesa, proclamada em 1975. Contudo, longe de ser independente, porque, na verdade, estava desestruturado pelos longos anos de jugo e, também havia passado por uma guerra civil. Sendo que a desordem, a exclusão social e a recessão econômica se faziam profundamente presentes em cada pessoa. Para empreender tal estudo foi realizado uma pesquisa no romance acima citado, descrevendo aspectos que demonstram a marca das narrativas orais, e consequentemente à sua importância não somente para a vida dos moçambicanos, mas para as realizações artísticas de Mia Couto.

Palavras-chave:

Oralidade. Mia Couto. Terra Sonâmbula.

ABSTRACT

“Terra sonâmbula” is a literary work by the Mozambican writer Mia Couto. It is a novel in which Couto reveals his identity, bringing references (stereotypes), suffering, joy, witchcraft, traditional rites, struggle, fear, dreams and, above all, the marks of orality. This article aims to analyze the oral tradition in the work “Terra sonâmbula” by Mia Couto, analyzing the tradition of telling stories practiced by the elderly to transmit knowledge to the younger ones. Showing the importance of orality used in African works in their typical activities, as they influence the writing of their works. Write about his country, customs, tales he heard about women cooking, working at home and revealing the universe of fantasy, emotion, the joy of sharing feelings, knowledge and dreams. The research concludes that the socialization of the pains and doubts of a post-independence country from Portuguese exploitation, proclaimed in 1975. However, far from being independent, because in fact it was unstructured by the long years of yoke and had also gone through a war civil. Disorder, social exclusion and economic recession were deeply present in each person. To undertake such a study, a research was carried out in the aforementioned novel describing aspects that

demonstrate the mark of oral narratives, and consequently their importance not only for the lives of Mozambicans, but for Mia Couto's artistic achievements.

Keywords:

Orality. Mia Couto. Sleepwalking Land.

1. Introdução

Iniciamos o nosso debate, apontando que a oralidade tem sido a forma mais importante da transmissão dos saberes culturais e populares em muitas sociedades. Os povos bantu são pela origem povos de tradição oral em que a oralidade se sobrepõe às outras formas de comunicação. Em Moçambique, por exemplo, a oralidade tem sido a forma mais usual no desenvolvimento da oralitura, que é característica dos povos bantu. A contação de histórias não ocorre de forma ocasional, mas sim com um objetivo preciso e orientado pelas comunidades tradicionais. Os encontros “a volta da fogueira” visam à transmissão dos saberes e das experiências socioculturais que são feitas.

A produção literária em Moçambique se alicerça da oralitura buscando aquilo que é da oralidade para transformar em literatura. A leitura de algumas obras produzidas por escritores moçambicanos não deixa dúvidas de que os traços da oralitura estão presentes e marcam a identidade literária. De acordo com Leite (2013),

[...] o discurso pós-colonial constitui-se na fluidez da língua, em uma espécie de sintaxe inserida na maleabilidade linguística. Assim, é possível verificar “a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, mais ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fluir”. (LEITE, 2013, p. 21) (grifo da autora)

A tendência para situar no âmbito da oralidade e das tradições orais africanas o discurso crítico e a produção textual surge de certo modo como forma de reação a uma visão das literaturas africanas como satélites, derivados das literaturas das “metrópoles” (LEITE, 2012, p. 16). Então, a oralidade em condição pós-colonial não está relacionada com o que a metrópole, que se coloca como centro, considera como periférico na produção literária africana, mas como o discurso contrário à colonização e suas ferramentas de produção de subalternidade do outro, o qual em nível de discurso faz-se por meio da prevalência da escrita em detrimento da oralidade, assim, “de um cânone marcado pelo signo da colonização, passa-se à assunção de outro, indígena, que tenta centripetamente, encontrar, no âmbito da cultura africana, os modelos próprios e autênticos” (LEITE, 2012, p. 16).

É importante frisarmos que a oralidade não apresenta as mesmas composições dos gêneros escritos, os quais se apresentam bem definidos. Na oratura, os gêneros não conseguem definir-se, inter cruzando-se, por exemplo, as parábolas, as fábulas, contos e provérbios. Os gêneros orais estão misturados entre os capítulos e cadernos de Kindzu, correspondendo-se e criando narrativas outras, porque “no caso dos textos, que são transmitidos de geração em geração, o termo gênero não pode ser aplicado com o mesmo rigor” (LEITE, 2012, p. 69).

Nos estudos vistos, onde principal autor citado era Leite, que insistentemente apontavam para a presença da oralidade no texto, chegou-se a seguinte indagação: Por que a oralidade na obra se torna tão marcante? Será que para dar ênfase à presença forte da oralidade em sua atividade típica africana? Ou porque em cada país da língua portuguesa existe sua particularidade? E por fim porque a presença da oralidade é traço tão fortemente destacado nos estudos das literaturas africanas? Desta forma o objetivo deste trabalho é analisar a tradição oral na obra “Terra sonâmbula”, de Mia Couto. Assim, o objetivo deste estudo é mostrar as marcas da oralidade na obra “Terra sonâmbula” e destacar sua importância na atualidade.

2. Mia Couto: Reflexões sobre a oralidade e literatura

Mia Couto, nascido António Emílio Leite Couto (Beira, 5 de julho de 1955), é um escritor moçambicano, filho de portugueses que emigraram a Moçambique nos meados do século XX. Iniciou os estudos universitários em medicina, mas abandonou esta área no princípio do terceiro ano, passando a exercer a profissão de jornalista. Em 1983 publicou o seu primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*, que inclui poemas contra a propaganda marxista militante. Dois anos depois se demitiu da posição de diretor para continuar os estudos universitários na área de biologia (Cf. SOUZA; MIYAZAKI, 2013).

A estreia de Mia Couto ocorreu em 1983, com uma coletânea de poemas intitulada *Raiz de Orvalho*, chamada de poesia de combate. Em seguida com o livro de contos “Vozes Anotecidas”, em 1986, o livro provocou uma polêmica pela sua dimensão estética e linguagem inovadora (Cf. SILVA; LIMA, 2020). “Terra sonâmbula”, o seu primeiro romance, publicado em 1992, ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi considerado um dos dos melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira

do Livro do Zimbabué. Atualmente é empregado como biólogo no Parque Transfronteiriço do Limpopo é sócio correspondente da Associação Brasileira de Letras (Cf. SOUZA; MIYAZAKI, 2013).

O escritor “traz para suas obras toda a barbárie de um longo período de guerras e suas consequências. No entanto, a magnitude da sua obra está no entrelaçamento dos fatos históricos com um mundo fantástico que busca ser decifrado em cada página de seus livros”. A literatura apresenta um mundo de sonhos contra o peso da história (Cf. FRITZEN, 2013, p. 28).

Se a obra literária “Terra sonâmbula” se tornou uma grande forma de expressão do escritor Mia Couto, a adaptação fílmica constitui um material didático-pedagógico para discutir as Relações Étnico-Raciais, voltada, sobretudo, para o respeito de uma cultura que tanto contribuiu para a formação da identidade da nação. Diante disso, encontra-se em “Terra sonâmbula”, tanto a obra literária quanto a adaptação fílmica, um material importante, pois na voz de Kindzu em seus cadernos, encontramos as memórias e sofrimentos de guerra e ao mesmo tempo a riqueza cultural africana, enfatizando a questão da narração de histórias e da valorização dos aspectos da natureza.

Na obra “Estórias abensonhadas”, Couto (2012) apresenta uma obra que apresenta retrato afetivo e mágico de Moçambique, onde o fantástico faz parte do cotidiano, e a música reside na própria fala das ruas. A produção das narrativas está intimamente ligada ao contexto histórico e cultural em que se insere. Ao pensarmos nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa, percebemos as marcas da história, nota-se uma preocupação em relação à tradição desses povos, ao passado, ou seja, o período antes do colonialismo pode ser considerado uma das fontes mais significativas no tocante à representação sociocultural. Na narrativa africana do passado, predomina a valorização da cultura tradicional africana (Cf. WITTMANN, 2012, p. 13).

A oratura é mais antiga que a literatura. O ser humano sempre inventou contos, lendas, histórias e poemas expressos pela oralidade. Muitos desses materiais são repassados de geração em geração por meio da oralidade. Contrariamente a literatura, a oratura não tem autoria, exige a presença dos ouvintes, o contador certifica a compreensão e sana incompreensões, o contador acrescenta e omite informações a depender do interesse, a interpretação se liga ao contexto sociocultural dos ouvintes e

procura carregar elementos que constroem as identidades das novas gerações (Cf. TIMBANE, 2018; GODOY, COSTA, LIMA, 2018).

As diferenças entre oratura e literatura porque Mia Couto se apoia da oralidade para criar e fazer a sua arte literatura. Muitas construções discursivas de Couto se ligam a oralidade. Timbane (2016) designa esse fenômeno de ‘marcas de autoria do autor’ que é uma ‘impressão digital’ do autor. A presença de neologismos não apenas mostra a criatividade lexical do autor (Cf. TIMBANE; ABDULA, 2016).

As literaturas africanas de língua portuguesa “foram oferecidas na década de 1970, de forma pioneira como disciplinas optativas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo” (PARDINI, 2012, p. 8). Por muito tempo tais literaturas não foram vistas como pertinentes ou relevantes para pesquisas acadêmicas. Em decorrência das várias lutas armadas pelas quais passaram os países de povos africanos que falam a língua portuguesa, pondera-se que há uma forte relação entre a literatura africana e a história e “embora cada país tenha suas especificidades, pode-se afirmar que o passado colonial que os une possibilita uma leitura histórica e que a literatura não se equivocou de dialogar com essas características” (CIECOSKI, 2019, p. 525).

Na produção literária de Mia Couto, seus personagens, lugares e espaços dialogam com um momento histórico determinado, retratando sempre uma realidade social, no caso da presente obra a realidade de Moçambique. Sobre isso Rabello assegura que “adotando o romance, que é um gênero essencialmente europeu, Mia Couto consegue fazer dele uma expressão africana” (RABELLO, 2010, p. 65).

Oralidade e escrita estão presentes na obra para fazer um resgate da cultura do povo desse país. Na primeira história, Muidinga lê os cadernos para Tuahir e na segunda história Kindzu descreve sua história nos cadernos. Dentro da cultura africana tem-se muito forte a tradição da oralidade onde uma pessoa mais velha conta histórias dos antepassados aos mais novos. Em “Terra sonâmbula”, vemos essa marca, pois sempre aparecem pessoas mais velhas fazendo relatos aos mais novos, uma exceção é o jovem Muidinga que conta as histórias dos cadernos para um homem mais velho (Cf. GUSMÃO; SOBRINHO, 2021).

Em “Terra sonâmbula”, Mia Couto apresenta a história da guerra, e retrata ainda vários elementos significativos na cultura moçambicana, a forte presença da oralidade e explora o território de seu país. Mia Couto “traz para suas obras toda a barbárie de um longo período de guerras e

suas consequências. No entanto, a magnitude da sua obra está no entrelaçamento dos fatos históricos com um mundo fantástico que busca ser decifrado em cada página de seus livros” (FRITZEN, 2013, p. 28).

A literatura pode oferecer um acesso a diferentes perspectivas sociais mais rico e expressivo que, por exemplo, aquele proporcionado pelo discurso político em sentido estrito. Por isso mesmo, é um território em disputa, onde está em jogo a possibilidade de dizer de si e sobre o mundo, de fazer visível dentro dele. Ignorar essas reivindicações em torno do literário costuma ser uma maneira de reafirmá-lo como um atributo sobrenatural e trans-histórico, fruto de um “talento” que se fixa em alguns indivíduos especiais, em vez de ser uma prática social, que tem a ver com a produção de hierarquias que beneficiam alguns e excluem outros (Cf. DALCASTAGNÉ, 2014, p. 68).

A questão da verbalidade da literatura, em confronto com a iconicidade do cinema, e a relação entre o tempo e o espaço, que no romance ocorre de maneira bastante diferente do filme, já que, em relação ao tempo, o primeiro relata aquilo que já aconteceu, enquanto o último narra o que está acontecendo; em relação ao espaço, o filme se vale muito mais das locações do que o romance, e elas influenciam no comportamento dos personagens e no desenrolar dos eventos (Cf. LOPES, 2013, p. 4).

Com as tradições orais recriadas na escrita, “atualizadas” nos romances, há um sentido de sua preservação. Segundo Couto, existe uma lógica da oralidade que vem sendo ameaçada pela hegemonia da escrita, sobretudo no meio rural, onde os “pressupostos filosóficos” próprios dessa lógica “correm o risco de serem excluídos e extintos” (COUTO, 2011, p. 102). O escritor, no entanto, não faz uma defesa pura e simples das tradições orais, afirmando que o mundo rural “necessita de enfrentar o confronto com a modernidade”, que o “desafio seria alfabetizar sem que a riqueza da oralidade fosse eliminada”, “ensinar a escrita a conversar com a oralidade” (COUTO, 2011, p. 103).

As questões das identidades linguística e cultural têm sido cruciais para discutir, analisar ou teorizar o processo de identificação do “eu”, sujeito socialmente constituído, que se encontra em situações diversas ao longo da sua vida (Cf. SANTOS, TIMBANE, 2020).

Forma de identidade presente nas personagens do romance é a tradução das expressões das línguas bantu moçambicanas para o português. Neste caso, temos o exemplo vindo da língua xichangana: “Santanhoco, u ta dhá lithulu”, que significa “Diabo, comerás a poeira”. A ver-

são em língua xichangana usa-se quando alguém quer afirmar que não vai poder alcançá-lo ou quando quer advertir que “não vai conseguir algo”. No texto temos a frase: “Satanhocos, hão-de comer poeira” (p. 66). O uso no português de expressões vindas das línguas locais marca uma identidade linguística moçambicana porque a identidade linguística é uma construção social resultante da memória que os falantes preservam ao longo dos tempos, de modo que a aprendizagem da língua ocorre na família e cabe aos pais ensinar (Cf. SILVA; TIMBANE, 2020).

3. Metodologia e análises: Análise da obra “Terra sonâmbula” e “Estórias abensonhadas”

As duas obras, “Estórias abensonhadas” e “Terra sonâmbula”, são ambas do escritor moçambicano Mia Couto. A primeira foi publicada pela Companhia de Letras em 2012. A obra literária “Terra sonâmbula” foi publicada em 1992, mesmo período em que tem término a guerra civil de Moçambique, ex-colônia de Portugal. O desfecho do romance é elaborado retratando as necessidades de uma reconstrução civil dessa pátria. A narrativa literária fornece alguns elementos para uma melhor compreensão dessa sociedade e suas carências, estruturado pela disposição social dos personagens e pelos locais que os mesmos transitam. A obra não é apenas a mais famosa criação de Mia Couto, como também é considerada um dos melhores livros africanos do século XX. (Cf. GUSMÃO; SOBRINHO, 2021). No livro, temos o relato de duas histórias diferentes que ao final, se entrelaçam de forma espetacular. Na primeira história, temos o jovem Muidinga, que após comer uma mandioca perde a memória. Segundo Concato, “durante a guerra civil de Moçambique (1975–1992), as pessoas perderam as referências indenitárias, foram destituídas de suas casas, de seu espaço de pertencimento, perambulavam pelo país em busca de sobrevivência” (CONCATO, 2017, p. 81).

Na segunda história, temos Kindzu, que é retratada em meio a cadernos que ele escreveu; estes cadernos são encontrados por Muidinga, que, ao encontrá-los, o jovem lembra que sabe ler. Conforme Concato, “Kindzu é um narrador em abyme, pois os cadernos contam sua história por meio de um narrador onisciente (o próprio Kindzu)” (CONCATO, 2017, p. 76). Diante disso, Mia Couto nos convida a ler os sinais da natureza e sinaliza para sua/nossa incapacidade de fazê-lo na conjuntura atual.

Apesar dessa incerteza, vemos no romance de Mia Couto uma tentativa de apresentar a cultura moçambicana com toda a sua heterogeneidade, funcionando, portanto, como um registro cultural daquele povo. Mesmo se tratando de um romance em língua portuguesa, a língua do homem branco colonizador, a escrita de Mia Couto aponta para o modo de falar do moçambicano e não do português, recriando na narrativa “a maneira como a população se apropriou do idioma trazido pelo colonizador, com novas regras, novas construções simbólicas” (KRAMA, 2016 p. 52).

Além do cenário triste, a terra saqueada, as roupas sujas, maltrapilhas e rasgadas dos personagens e os semblantes mostrando tristeza, há o mar, que aparece durante as cenas, um cenário marcante, por onde Kindzu viaja em busca de seus sonhos e o caminho onde Muidinga e Tuahir estão à procura. “O mar é o espaço que sobra aos viventes, porque em terra todos estão mortos, a própria terra agoniza e caminha ‘sonhambulante’ em demanda de si própria. O país perdeu o rumo. Resta-lhe o mar.” (LEITE, 2012, p.73).

“Terra sonâmbula”, como vimos, foi adaptada para o cinema, em 2007, com roteiro e direção de Teresa Prata, em Moçambique. Tanto a obra literária quanto a adaptação fílmica levam o mesmo nome e são recursos pedagógicos cheios de elementos que contribuem com o ensino de história da África. Na relação entre o texto escrito e o cinematográfico devem ser considerados o espaço e a linguagem utilizada. O filme trabalha com sons e imagens, a palavra aparece nos diálogos partindo de uma influência externa, que será observada através da expressão corporal, de gestos e olhares. Na obra literária, os sentimentos e emoções são transmitidos ao leitor através da linguagem minuciosa do narrador. “O cinema também influencia a literatura, do mesmo modo que o romance do século XIX influenciou o modo de narrar do cinema.” (SILVA, 2012, p. 2).

O modo como Mia Couto realiza essa manutenção da tradição é por meio do uso de tipos de textos característicos da literatura oral africana, como os provérbios e os contos, para construir o romance. Provérbios são pequenas narrativas cristalizadas, sentenças que reproduzem uma sabedoria de outros tempos. Ana Mafalda Leite explica que “esse tipo de micronarrativa, de certo modo, funciona como uma síntese especular da unidade narrativa maior, o conto, aferindo enigmática e redundantemente os seus sentidos mais significativos” (LEITE, 2012, p. 173).

4. Resultados e discussões

Os textos moçambicanos problematizam a história e a memória, reconstituindo uma memória do passado. Mía Couto usa estratégias no desafio de escrever sobre os acontecimentos de sua terra. “Não se trata de abordar o documental como ficção, mas da necessidade de estratégias desenvolvidas no campo da literatura para reinventar o passado.” (LEITE, 2012, p. 253).

No livro, vemos que a interação entre os vivos e os mortos ocorre pelo sonho e pela palavra. O sonho é uma forma que os mortos encontram de se comunicar com os vivos, pode-se entender que é através da palavra que o espaço invisível se torna conhecido. No romance aqui analisado, a trama principal promove o encontro entre vivos e mortos: Kindzu encontrado morto por Muidinga. A interação entre as personagens ocorre pela escrita: diário, em “Terra sonâmbula”. O autor complementa a escrita com a oralidade, pois os cadernos são lidos por Muidinga para o velho Tuahir. Mía Couto investe no poder da palavra em suas duas faces: oral e escrita. Dessa forma, investigamos a relação oralidade/escrita na obra do autor moçambicano.

A obra de Couto se justifica pela importância do autor na literatura moçambicana, seus textos são marcantes, produzindo um novo modelo de narrativa, bem característica dos africanos. Os personagens do romance em análise falam o português de Moçambique:

Ex. 1: “... Pois a primeira coisa que vais fazer mal saíres, daqui é chamares aqui o **camarada-chefe**. Ouviste...” (p. 146, 8º Caderno de Kindzu)

Ex. 2: “... Essa mulher é muito puta, mas é uma puta **muito, muito**...” (p. 115, 6º Caderno de Kindzu)

Ex. 3: “... Sabe **miúdo**, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos...” (p. 126, 7º capítulo)

Ex.4: “...Vou ficar rico, cheio da **mola**...” (p. 128, 7º Caderno de Kindzu)

Ex.5: “... ao menos fomos juntos que lerpámos, ninguém ficou a **matabichar** a gaja...” (p. 146, 8º Caderno de Kindzu)

Os exemplos 1, 2, 3, 4 e 5 ilustram marcas da oralidade do português de Moçambique sempre presentes na fala dos personagens do romance. Este comportamento linguístico marca a identidade linguística e a valorização da variedade moçambicana de português que surgiu em contexto da oralidade. Na fala construída em ambiente fictício, consegue re-

produzir uma fala em contexto real, o que faz com que o leitor se possa confundir entre o fictício e o real. O uso da expressão “muito, muito” (no ex. 2) é frequente na oralidade e visa reforçar uma ideia por meio da duplicação. Significa que “muito, muito” refere-se a “muito mais” no uso formal do português brasileiro. No ex.1, camarada-chefe é um termo que era usada com frequência na década 70 e 80 com intuito de designar alguém que é superior hierárquico. São combatentes da luta pela independência que criaram essa palavra durante e depois da independência de Moçambique. No Ex.3, temos a palavra “miúdo”, que significa “guri, moleque, menino” no português brasileiro. É uma palavra usada em contexto do português moçambicano para se referir o irmão mais novo ou ainda qualquer menino de idade menor que a sua. Raramente se usa a palavra “miúda” para uma menina, gurua. No ex. 4, a palavra “mola” significa “din-din ou dinheiro”. É a forma mais informal para se referir a “dinheiro”. Resulta do uso da oralidade não da escrita. Está claro que a palavra “mola” não é usada em redações escolares ou em documentos oficiais. É um termo usado na oralidade, especificamente entre pessoas que usam a língua informalmente. O Ex. 5, temos a palavra “matabichar”, que significa “pequeno-almoço” no português Europeu e “café da manhã”, no português brasileiro. Só um moçambicano ou angolano usaria essa unidade lexical, porque ela faz parte do acervo das variedades angolanas e moçambicanas de português.

Em “Estórias abensonhadas”, se observa a formação de palavras novas, o que comumente se chama neologismos lexicais. Há formação de novos nomes, incomuns da realidade do “EU” poético. Mas a imaginação poética faz com que o autor crie e recrie. Por isso que há formação de nomes como Tristereza, Felisbento, Jorojão, Mintoninho, Novesfora.

Realça-se a formação de verbos a partir de substantivos: aurora-va/aurora (p. 53), ventaniava/vento (p. 70), mendigável/mendigo (p. 71), sozinhidez/sozinho (p. 87), algebrava/álgebra (p.93), espertando/esperto (p. 53) que são unidades lexicais não legitimadas por um dicionário do português brasileiro ou português. Em Moçambique, terra de origem de Mia Couto, não existe dicionário para a variedade local do português. Nem por isso não é passe livre para criar palavras. O que Couto faz é a “liberdade” criativa do autor, o que torna o texto mais original. Aliás, Couto foi inspirado por Guimarães Rosa que também é “artista” na criatividade lexical.

Há marcas de oralidade em “Estórias abensonhadas”. Essas marcas são incentivadas pelo domínio de línguas do grupo tswa-ronga (xi-

changana, xitswa e xirhonga) que são línguas bantu, faladas no sul de Moçambique. Vejamos exemplos no quadro a seguir:

Quadro 1: Palavras extraídas em “Estórias abensonhadas”.

Palavra	Origem tswa-ronga	Significado
canganhiçava	Verbo ku canganyisa	enganar
maka	mháka	problema
muti	muti	Casa/família
Tchova-xitaduma	Empura e vai funcionar	Carinho de mão/carocha
xipefu	xipefu	lamparina

Fonte: Mia Couto (2012).

Outra marca da oralidade presente na obra em análise são as crenças transmitidas pela oralidade de geração em geração e que Mia Couto consegue incorporar na sua estória:

(i) A violência do homem contra a mulher nas tradições moçambicanas se mostra escancarada no diálogo entre Romão (António Romão Pinto) e Salima. Nas p. 149 e 150 (9º Caderno de Kindzu) observa-se a violência e a subserviência da mulher que é tratada como instrumento. A mulher foi agredida e chamada de “puta” apenas porque estava menstruada. O Romão é arrogante e busca violentar sexualmente a mulher transformando a vida da Salima muito sofrida. Esta violência tratada aqui é recorrente em Moçambique e no mundo machista em que a mulher é tratada como objeto. O texto de Mia Couto não trata apenas situações de guerra, mas levanta debate sobre a igualdade entre homens e mulheres em sociedades machistas. Faz parte da oralidade a difusão da ideia da superioridade do homem com relação a mulher, o que devemos combater na nossa sociedade.

(ii) Pela oralidade se transmite que a morte não pode ser natural. Ela sempre é causada por algum fator. Na p. 21 (1º Caderno de Kindzu), o narrador relata a história da mãe que após a viuvez, se enconchar, triste como um recanto escuro fizeram uma consulta a um feiticeiro para conhecer o exato da morte do seu pai. Esta prática é uma marca da oralidade porque os conhecimentos nos povos bantu são transmitidos de geração em geração por meio da oralidade. Não existe um a morte natural – afirma o conhecimento tradicional. Na mesma página 21, o narrador relata a presença de vulto que rondava nas noites. Esses conhecimentos são de tradições bantu, que em muitos momentos estão intimamente ligados à tradição.

(iii) Há na narrativa miacoutiana traços da magia negra que delimitam a cultura do povo onde a estória se passa. Na p. 32 (1º Caderno de Kindzu), lê-se o seguinte: “O velho nganga atirou os ossinhos mágicos sobre a pele de gazela. Os ossos caíram todos numa linha, disciplinados.” (p. 32, 1º Caderno de Kindzu). Esta prática é da oralidade e das práticas culturais. Os ossos alinhados e disciplinados têm uma interpretação cultural e faz sentido para aquela cultura e para aquelas tradições.

(iv) A transmissão dos conhecimentos parte dos mais velhos para os mais novos. Por exemplo, O velho Muidinga conta segredos e perigos da natureza para Tuahir. Por exemplo, na p. 57 (3º Caderno de Kindzu), o velho Muidinga explica como uma mandioca pode matar uma pessoa, e explica os cuidados a ter para não morrer. Nesta parte, entra o lado do Mia Couto biólogo. O autor mata saudades da profissão “biólogo” para levantar a ideia de que existem plantas venenosas. Ele mostra que o desconhecimento do poder das plantas pode levar à morte tal como aconteceu com a família do Tuahir. Na p. 51 e 52 (3º Caderno de Kindzu) o mais velho descreve a desgraça da morte de uma família por não conhecer o poder venenoso das plantas. Na obra em si prevalece uma identidade sociocultural e linguística.

As obras de Mia Couto apresentam um espaço dinâmico, movente. A terra é elemento de destaque desde os títulos das obras – “Terra sonâmbula” e “Uma casa chamada terra” –; a terra precisa ser resgatada das atrocidades causadas pelos homens e participa ativamente da vivência das personagens. Na terra está o sagrado, o surpreendente e os antepassados. As personagens, ao caminhar pela terra, desenham os contornos de seu próprio país (Cf. NOBRE, 2018).

Mia Couto reproduz a expressividade da fala, sem transgredir as regras gramaticais e brinca com elas incorporando à oralidade em suas obras e tornando-a mais prazerosa, já que pertence a um campo vivo pelo leitor diariamente, faz parte de sua vida e este campo é o da fala.

Logo no primeiro capítulo de “Terra sonâmbula”, temos dois elementos significativos: uma estrada e um ônibus. No entanto, a estrada estava morta, não cruzava com nenhuma outra, “mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância” (p. 9, 1º Capítulo), e o ônibus estava queimado, e por isso, não poderia funcionar. Segundo Ana Mafalda Leite, “a viagem é da própria terra que procura encontrar-se, sonâmbula, perdida, a viagem de um país que a guerra fratricida ocupou de lés a lés” (LEITE, 2012, p. 224).

De fato, os estudos das Literaturas Africanas permitirão que os educandos conheçam a cosmovisão africana e, também, a riqueza cultural que tanto influenciou a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, os estudos africanos abrem espaço para um novo olhar à educação, pensando na diversidade cultural, histórica e da convergência linguística que constitui a nossa sociedade brasileira.

Para leitores críticos da obra ficará claro que as personagens em questão não falam o português de Portugal nem brasileiro. As suas falas carregam muitos traços lexicais, semânticos e sintáticos do português moçambicano (Cf. TIMBANE, 2018).

A literatura moçambicana tem se destacado nos últimos anos com obras interessantes no estudo literário e linguístico de vários estudantes, pois nos levam a refletir sobre ligação entre léxico, cultura e ensino. O ensino das Literaturas Africanas faz parte dos esforços daqueles que lutam contra o racismo, assim, traz para o centro dos debates em sala de aula as produções de autores africanos, além de oferecer aos estudantes uma literatura não hegemônica.

“Terra sonâmbula”, porém, é um romance que parece incorporar a tradição oral, como os tipos textuais elencados em nota, sobretudo a narrativa e a fórmula, criando uma obra que, do ponto de vista da forma, encaixaria tipos de textos tradicionais africanos em ambiente romanesco. A narrativa em sua forma e em seu conteúdo se estrutura pelo encaixe de tipos textuais e de estórias.

É possível dizer que já temos um campo de estudos consolidado, o que sugere, no mínimo, a necessidade de um balanço e de um mapeamento mais sistemático da recepção brasileira, de suas categorias, e de sua relação com a questão racial. A partir da criação da Lei nº 10639/2003, temos a divulgação da história e da cultura dos afrodescendentes e dos africanos no Brasil, em todos os níveis de ensino. A política afirmativa voltada à educação antirracista surgiu no bojo da criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR, criada em 2003 e extinta em 2015), com a política de cotas e reconhecimento de áreas quilombolas, além de grande dinamização das relações comerciais, diplomáticas e culturais entre o Brasil e os países africanos (Cf. VISENTINI, 2014).

Porém, ainda existem lacunas, que precisam ser preenchidas, tanto quanto a formação continuada de professores, como impor a literatura a-

fricana dentro da sala de aula e suas contribuições no ensino, ajudando assim abordar diversos assuntos.

E que, conforme Silva (2010, p. 77), destacando uma repetição de temas e métodos nas pesquisas brasileiras sobre Mia Couto, constatando que “tais investigações, refeitas em vários trabalhos, fizeram-nos supor que os pesquisadores brasileiros da obra de Mia Couto não liam os trabalhos uns dos outros”. Ou seja, precisamos nos atentar as pesquisas brasileiras feita sobre a literatura moçambicana, porque infelizmente, nós brasileiros não temos o costume de ler, o que dificulta na realização de pesquisas sobre o tema.

Jefferson Tenório (2013), ao discutir a obra de Mia Couto, aponta para essa postura no autor, de uma africanidade sincrética. Mas é preciso ressaltar o quanto há de liberal nessa fórmula que se situa no indivíduo e na vontade de determinadas constrições, que são estruturais (como o racismo colonial, no caso). Isso está presente em Mia Couto e, nesse ponto, entender a dimensão mundana de sua literatura passaria também por investigações do lugar social/ideológico/racial de suas obras. É o caso de perguntarmos, se Mia Couto não fosse africano branco, herdeiro de padrões de colonialidade ambíguos.

Ressaltando sempre a importância de se ter essa formação, graças a Mia Couto muitas portas foram abertas, contribuindo para a formação de mestres para debater esses assuntos em sala e levantar a bandeira não só da nossa história, as do respeito em relação a raça e cultura, que em tempos atuais ainda existe a ignorância não só quanto a raça, mas também religião e suas crenças.

5. Considerações finais

A leitura de “Terra sonâmbula”, romance de Mia Couto chamou minha atenção por abordar, uma guerra extremamente cruel – a guerra civil moçambicana. Ao mesmo tempo em que tratava desta guerra, o romance parecia colocar o ato de narrá-la em destaque.

Mia Couto procura representar o que significa africanidade. Ele faz isso por meio de sua produção literária e põe em discussão a busca de uma raiz africana empreendida por alguns intelectuais por que segundo ele aqueles têm uma “visão restrita e restritiva do que é genuíno” e o que Couto faz é mostrar a África através da voz de seu povo, de suas histó-

rias, de suas crenças e seu amor por aquele país principalmente por ele mesmo ser nascido e criado em um país africano.

Com esse trabalho, foi visto que se é necessário que haja mais estudos relacionados à literatura africana, pois ela faz parte da nossa história, e que precisa ter uma formação continuada dos professores para que possam debater esse assunto em sala de aula, trabalhar a interdisciplinaridade. O povo de Moçambique é do grupo bantu e de tradição oral. Os conhecimentos são passados de geração em geração por meio da oralidade. Não é por acaso que as relações entre Muidinga e Tuahir ficam mais próximas, porque essa proximidade tem função cultural. Então é de se esperar que os personagens transfiram características linguísticas da oralidade para o português. A língua bantu, falada pelos personagens, deixa transparecer a identidade sociocultural dos personagens por língua é ao mesmo tempo cultura.

A oralidade é um “sistema de auto-interpretação concreta”, por meio dela a sociedade é capaz de explicar-se a si própria. Encontramos múltiplas formas da oralidade na obra *Terra Sonâmbula*, demonstrando características da língua falada e da narrativa oral africana. Através de livro *Terra Sonâmbula*, entendemos mais sobre a história de Moçambique, assim como as questões pertinentes à oralidade do autor.

Da pesquisa se concluiu que todo autor literário é proveniente de uma sociedade com cultura, modos de vida e tradições. O escritor não é um extraterrestre e em muitos momentos é essa realidade que inspira na sua produção. A busca pela oralidade se justifica pelo fato da língua natural ser pela sua natureza uma língua para ser falada e não escrita. A escrita é recente e busca congelar traços da oralidade. A oralidade é fundamental na vida de qualquer sociedade. A contação de histórias para as crianças desde a tenra idade revela como é fundamental primeiro pensar na oralidade para depois ir introduzindo aspectos do letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIECOSKI, A. S. *Terra sonâmbula: os caminhos da guerra civil de Moçambique através da obra de Mía Couto. Eventos pedagógicos*, Sinop, v. 10, n. 1, p. 521-35, jan./jul. 2019.

GODOY, M.; COSTA, F.; LIMA, H. Oralidade e Resistência em *Terra sonâmbula*, de Mía Couto. *Revista Prolíngua*, v. 13, n. 1, mai/jul de 2018.

COUTO, M. *E se Obama fosse africano? E outras intervenções*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GUSMÃO, C; SOBRINHO, G. História e memória em Terra sonâmbula, de Mia Couto. *Revista Uniandrade*, v. 24, n. 1, p. 202-12, Curitiba, jan.-jun. 2021.

LEITE, A. M. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

_____. *Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

RABELLO, M. C. P. A construção da identidade em “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto. *Revista Cadernos CESPUC de pesquisa*, Belo Horizonte v. 1, n. 21, p. 64-71, dez. 2010.

SOUZA, D; MIYAZAKI, M. Mia Couto: o autor contador as marcas de oralidade na obra do autor moçambicano. *Unisanta Humanitas*, v. 2, n. 2, p. 17-27, 2013.

TIMBANE, A. A. As marcas de autoria em Mia Couto. *Revista Fórum Identidades*, v. 21, p. 149-170, Itabaiana: Gepiadde, mai./ago 2016.

_____. A cultura moçambicana camuflada no “o fio das missangas” de Mia Couto. In: FARGETTI, C.M. (Org.). *O léxico em pesquisa no Brasil*. Araraquara: Letraria, 2018. p. 20-38

_____; SANTOS, I. da S.; ALVES, M.J. Os caminhos da variação léxico-semântica no Brasil, em Portugal e em Moçambique. In: PAULA, M.H. de; SANTOS, M.P. dos; PERES, S.M. (Org.). *Perspectivas em estudos da linguagem*. São Paulo: Blucher, 2017.